YBYRATYBA

notas sobre cultivos hibridos y outras memórias da seiva

no caminho
virando a
esquina no cair
do dia que não
cai, sustentará
pela força da
crescente dos
últimos dias,
quando yací
iluminar por
completo y a
seiva ganhar
força para
circular por toda
extensão
cósmica y
subterranea de
nossas corpas,
marés,
encrucijadas,
sonidos de la
madre tierra,
constante,
brilhante, na
mata pública
demarcada para
manter-se viva

"Se integre em um metabolismo vasto, com uma temporalidade muito mais extensa que a do seu corpo humano."

"Entenda que o corpo da terra não é extensão do corpo humano, nós é que somos extensão do corpo da terra."

"Deixe-se transpassar pela dor da terra."

"Aceite seu convite a estar presente e disponível, a sintonizar com um corpo coletivo, não só humano."

a presente publicação se refere aos processos y propostas desenvolvidos por Dyó Potyguara, a partir de quatro frases do Texto Co-sentindo com Ternura Radical, do Coletivo Gesturing Towards Decolonial Futures (GTDF), para a serie 'rituais de arte e vida para ressintonização metabólica' com curadoria de Dani D'Emilia e coletivo GTDF.

localizo-me agora num ponto da terra cujas
margens a leste são banhadas pelo oceano
atlântico sul, morada de divindades, grande
berçário y também cemitério.
adensam o caminho dessa encruza a relação
com o trópico de capricórnio, o sul global,
o bioma atlântico do sudeste brasileiro, quase
extinto na demanda humana civilizatória
y toda história originária y em diáspora
que se conectou por aqui.
Numa auto referência a essa relação
de espaço-tempo e memória, exponho
tratos de cura realizados com a paisagem,
reverenciando uma estética coletiva da terra
y suas corpas diversas numa configuração
performativa de biofilias atlânticas.

o que te afeta nessa paisagem?

as primeiras perguntas são quase sempre íntimas.
as que vem adiante podem supor o auxílio da oralitura,
livros, aplicativos digitais y outras caixas de ferramentas
da memória.

algumas perguntas surgem no percurso da paisagem:

qual a latitude e longitude das memórias
que te atravessam?

adentre a mata.
perceba o fluxo sonoro, o ar, a matéria
como se fosse a terra seu reflexo mais ancestral
gere uma zona de afeto temporária com a paisagem
dedicar tempo nesta troca para perceber-se paisagem

mantenho em meus cadernos ao longo do caminho algumas notas de quando fui árvore.
realizadas em luas específicas, destinadas a espaços y tempos variados, desorganizadas
para que embaralhadas em dado momento sua abertura ocorra como numa consulta ao tarot.
Escritas de sonhos, que quando banhadas de sol atualizam um tipo de permanência,
algo sobre sonhos em fotossíntese, pois ampliam a sensação de continuidade ao receber
essa luz. quer dizer que alguém as movimentou, as abriu. quando a palavra gira,
algo em torno de um ritual é proporcionado. algo sobre partilhar o sonho, aqui sintetizado
como um sonho-ação.
enquanto escrevo, em outros pontos de Abya Yala, especialmente na região do Brasil,
territórios são invadidos com o consentimento do atual governo. a mineração avança
consumindo ecossistemas, abrindo feridas na Terra, envenenando os povos dessas florestas.
enquanto escrevo centenas de parentes, de todos os biomas do Brasil estão
em Brasilia, capital federal, na permanente luta por suas vidas, cuja relação existencial
com os territórios seguem ameaçados.

me pergunto, quais dispositivos posso sonhar na demanda violenta desse estado?

sonhei que quando aterro meus pés na terra fértil e fresca,
trocamos segredos entre nossas caminhadas e coreografias.
o solo do qual germinei, saí, os que transplantei, andei,
o que me encontro agora, enraizando.

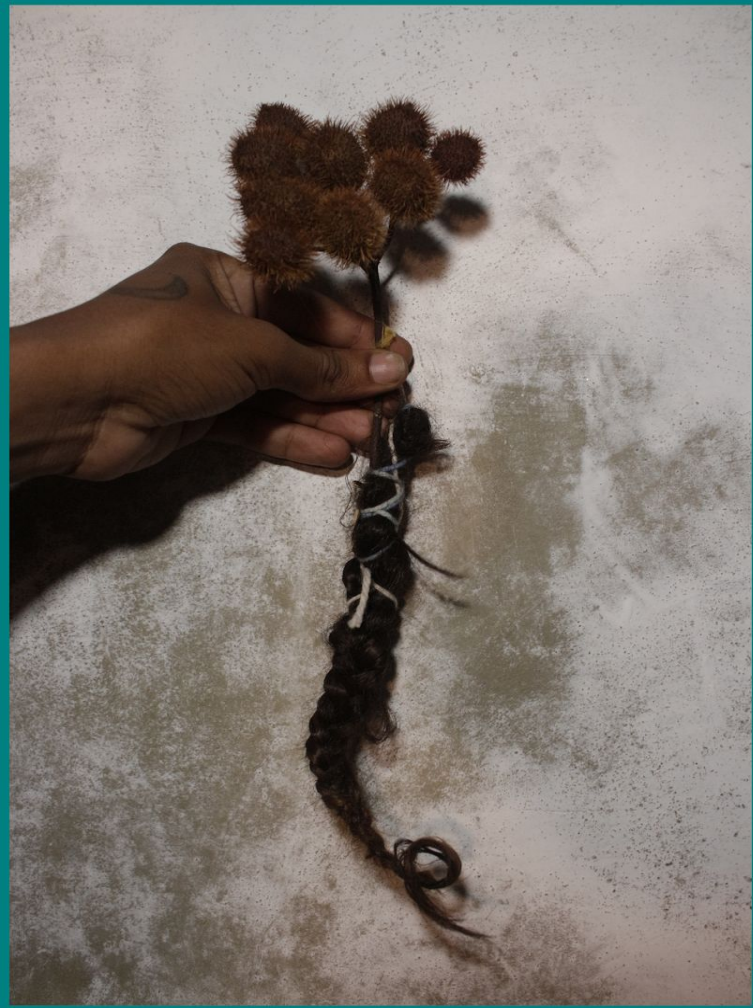
Walla me contou de um escritor que tecia sobre liberdade enquanto sonhamos.
Algumas perguntas surgem no percurso de materialização do sonho.

tens alguma semente em mãos agora?
se não agora, tens alguma em casa?
Já se perguntou a origem dessa semente?
Quando foi a última vez que você plantou?
qual a soma da sua pegada de carbono no mundo?

no lugar em que estou perceber-me parte do bioma é ter a consciência de que há uma cena repleta de corpas humanas ou não, que envolvidas de brilho solar y seiva lunar, desorganizam as formas de reter o olhar, a carne y o por vir destrutivo, por meio de gestos visíveis e invisíveis reorientam aspectos da vida, reencontrando na paisagem da pele os caminhos já percorridos y nas linhas das mãos os que serão escritos, da raiz dos dedos do pé ao topo do corpo em simbiose com cipós, galhos, mudas; uma comunhão íntima e antiga entre as espécies do mesmo quintal.

perceba-se compositora da diversidade.
consorciada a diversas culturas nos canteiros de nossa mãe terra. fabular com as plantas que convivo, como se pudesse em algum momento tecer linguagens em comum me torna compreensível a essa percepção. preservo essas conversas quando durmo, sonhos de quando fui árvore.

composição anti monocultura.



quando cortada ao meio, parte de mim chegou em uma cidade muito desenvolvida nos quesitos poluentes. repartida y pesada circulei nas estradas até adentrar algumas lojas, casas y galpões. a essa altura a seiva já havia estancado e a memória já não era minha, por mais parte que fizesse dos empreendimentos.

a outra parte apoiou-se noutras raízes mais próximas, considerando regenerar com o tempo, com a seiva, com a luz.
regenerar é algo pertinente para nós, filhas da terra.

em qual lua que estamos hoje?

Aqui está a memória da corpa árvore,
cujas sementes em uma muvuca de outras culturas contorcem a terra num processo de retomada, germinando outras cartografias da escuridão interior do solo
ao clarão de nossa biosfera.
Pergunto da lua pois é necessário.
É ela quem influi no correr da seiva e para regenerar a memória vegetal, proponho a lua cheia uma vez que nela estamos completas.

em outras fases nossa troca pode passar por outros processos, como germinação, podas, compostagem, entre outras.

Qual a floresta mais próxima de você?

Qual a distância entre o lugar que você está agora até lá?

Retornar a mata como parte integrante da memória desse ecossistema.

A corpa árvore retoma nos cabelos o sentido das copas, frondosas, dando sombra, incorporando outras corpas considerando espacialidades possíveis para bromélias, jibóias y outras que trepam mata a dentro.
Na lua cheia compartilhamos poderes, no desejo manejo das trocas carrego sementes para cada trança num ritual de conexão y dispersão.
Na mata pública, convido ao encontro, alimento, ofereço, transplanto ,ancoro y recebo,

incorporo regenero revolto

ação ritual 1

na lua cheia, realizo uma caminhada da cidade ao interior
da floresta mais próxima, carregando sementes e fios.
no interior da mata, o cabelo é trançado envolvendo
as sementes junto às outras árvores.
há um movimento de permanência
(antes, durante, depois)
há um recorte das tranças ao final da permanência,
na medida em que venta/chove, as tranças liberam
as sementes no espaço.

Parte importante desse movimento com a Terra é que possamos estar alinhades ao clima da região em que se habita. O dia em que escolhi para realizar esta ação estava ameno... Lua cheia de Abril, outono. Outro detalhe mais que importante nesse processo é buscar realizar com segurança. Por convivência, conheço bem a floresta vizinha.

o ritual foi realizado em uma das pequenas trilhas do horto municipal de Niterói, a floresta mais próxima no lugar em que me encontro. co-realizado com Leticia Rocha, Thainá Inká, Mapô e outres querides que seguiram a trilha até o ponto de ritual e acompanharam o movimento, a quem agradeço profundamente. em especial minha amiga Letícia Rocha, que com toda sensibilidade trançou-me a generosa floresta.

Enquanto os fios do meu cabelo eram trançados aos fios vegetais, senti incorporar a energia das memórias que costuramos a partir da seiva. as árvores como pilares desse mundo, sustentando o céu, ancorando a pele terrosa adentro, nossa hidrografia coordenada pela Lua em sintonia com as marés do oceano há poucos quilômetros de nós. o fluxo circular de toda energia trocada.

As sementes que carrego neste ritual são as de Urukum, árvore nativa da região Amazônica, a qual venho trocando há algum tempo. Acoplei algumas nas tranças já cortadas, na expectativa de que caíssem no melhor momento. Outras, destinei a encostas das áreas de monocultura, especialmente as de Eucalipto, as quais planto na lua minguante, quando as energias da terra estiverem assentadas e quando retorno a floresta para recolher os fios restantes.

Esse processo encaminha a próxima ação ritual, desta vez coletiva.

ação ritual 2

antes de tudo y qualquer coisa, atente-se aos sentidos,
ao que sente neste momento. a corpa que você percebe agora
é parte da totalidade a qual me refiro, por isso atente-se aos sentidos.
perceba o tempo na conformidade em que te ensinaram
para então desviar
y saber um retorno caso seja necessário.
o tempo que aprendemos pode não ser o nosso, por isso deixe ao lado
a percepção do tempo linear, binarizado em dia y noite. perceba para
além desses aspectos a terra em movimento com a lua, vênus, marte,
y outras corpas que dançam no grande baile cósmico.
Terra.
Somos terra y parte desse baile solar em plena escuridão,
codificando constelações antes que tudo se apague.
Enquanto terra, nesse movimento de gira, somos composições
de todos os elementos que aqui estão y por uma questão de tempo
y experimentos aprendemos a ser o que somos y entre todas as
habilidades que passam em nossas veias, considere hoje o afeto.

Esta proposta, como já colocado, envolve a lida
com as temporalidades possíveis da terra y seu rítmo cósmico.
O tempo humano, vegetal... estancado ou expandido.
Variando de corpa para corpa em seus respectivos biomas
y sistemas, ocorrendo como uma prática comprometida
com a cura da terra...
Algo de futurologias possíveis para nós.

Reúna ao longo dos próximos dias todas as sementes que tiver contato.
Apenas as que chegam para você no cotidiano, a partir do alimento, das trocas...
dando tempo ao processo. Em local limpo, seco y arejado, armazene-as y anote
sobre todas as que forem guardadas.
Após algum tempo de armazenamento, com uma boa quantidade de sementes
variadas, perceba a radicalidade presente na diversidade.
Repare a vida adormecida em suas mãos, códigos ancestrais que acessamos hoje.
Sinta-se livre para realizar as seguintes instruções de 'acordar' 'germinar' y
'expandir' a partir da sua sementeira.

acordar, germinar, expandir, sementeira radical cotidiana

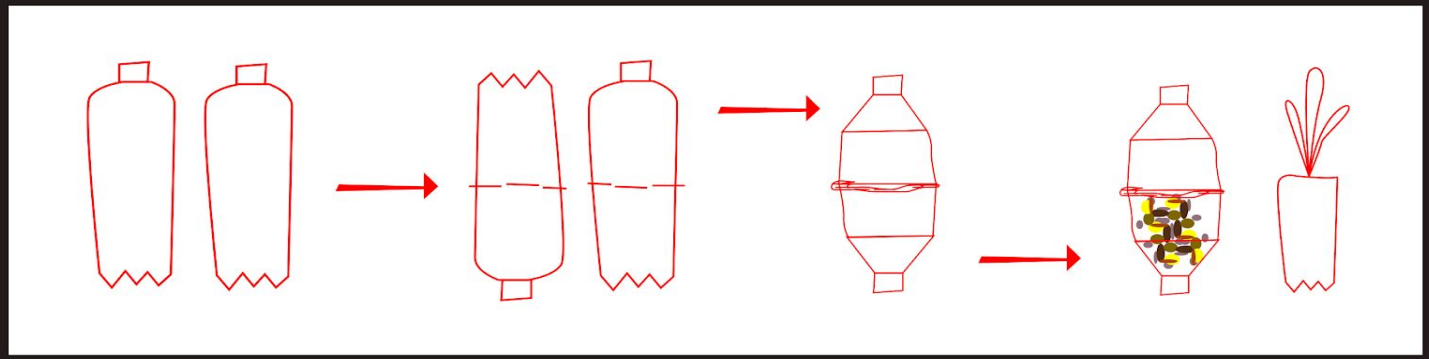
INSTRUÇÕES PARA GERAR UMA SEMENTEIRA

1.
tenha em mãos: 2 garrafas pets (da mesma proporção), limpas y secas um rolo de fita isolante, uma tesoura ou estilete y uma caneta.

2.
Idemarque com a caneta uma linha ao redor das garrafas y corte ao meio, reservando as partes superiores (tampa y gargalo)

3.
após realizar o corte, encaixe y una com a fita as partes reservadas, de modo que gere um suporte com duas tampas.

4.
Iinstale a sementeira num ponto acessível de sua casa, protegendo-a da luz direta y umidade, a tampa superior abastece a sementeira, a tampa inferior libera para o cultivo; as sementes destinadas a este dispositivo devem ter tamanho equivalente a abertura da garrafa. as partes que ficam das garrafas podem ser utilizadas como vasos temporários.



Bola de sementes:
Materais: além das sementes reunidas, um pouco de terra fértil y argila.
Para realizar a bola além das sementes:
Misture a terra y a argila adicionando aos poucos as sementes, formando uma bolinha
(se preferir modele em outros formatos).Após a modelagem, deixe que seque naturalmente por 24h,
depois de secas, realize intervenções em espaços baldios, áreas em degradação ou de monoculturas públicos/coletivos
xe especialmente urbanos. Com o tempo, as chuvas liberam as sementes na terra, cumprindo o processo de acordar
e germinar as mesmas.

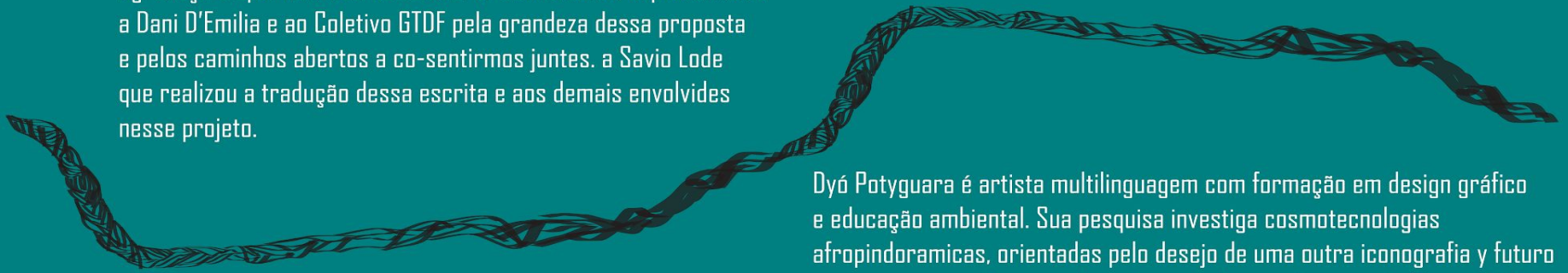
Desenhos vivos:
Para grafar um desenho vivo com as sementes, tenha atenção com o espaço pretendido. Um instrumento para cavar a terra y água.
A sugestão é que antes de semear, rascunhe no espaço o desenho pretendido (linha reta, circulo, espiral, etc).
cave com certa profundidade para então distribuir as sementes com atenção ao espaçamento das mesmas.
Após a plantação, cubra com terra y irrigue.

Distribua as sementes para sua vizinhança.

Plante-as por onde passar.
Neste sentido, parte da sementeira pode ser carregada e recarregada por você.
o que pode ocasionar a possibilidade de trocas incríveis com outros cultivadores y biomas.

Ritualizar pequenas intervenções com sementes nos leva a compor
a paisagem de nosso entorno, relacionando os vários tempos
presentes na terra. Produzindo vida, alterando o propósito destrutivo
e monocultural de espécies y pensamentos.
Que a partir daqui, nossa relação com a memória y futuro da terra
tenha como oriente performativo a vida e seu cultivo

Agradeço a oportunidade de colaborar com a série, especialmente
a Dani D'Emilia e ao Coletivo GTDF pela grandeza dessa proposta
e pelos caminhos abertos a co-sentirmos juntes. a Savio Lode
que realizou a tradução dessa escrita e aos demais envolvides
nesse projeto.



Dyó Potyguara é artista multilinguagem com formação em design gráfico
e educação ambiental. Sua pesquisa investiga cosmotecnologias
afropindoramicas, orientadas pelo desejo de uma outra iconografia y futuro
na semente que plantamos hoje. Através do user 'rastros de diógenes' desenvolve
performances e esquemas pedagógicos e/ou visuais, na presença e virtualidade.
É curadora da plataforma Gira.
Originária de Mamanguape, Vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil.

concepção, texto y design: Dyó Potyguara
Fotografias: Acervo Pessoal, Thainá Iná